



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 – Nº 58

ISSN 1518-1766

ALB

NEVASCA EM PLENO VERÃO

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

E stávamos nas vésperas do Natal. A neve começou a cair desde cedo. Seus flocos eram trazidos pelo vento e se embaraçavam na tela da varanda do apartamento em que me encontrava e formavam belos desenhos. Milhares de flocos continuavam a cair. Nunca tinha visto aquilo num verão nas minhas andanças pela Europa e muito menos no Brasil. Liguei a TV para saber o que estava acontecendo e procurei, em vão, no Google um meteorologista para explicar o fenômeno. O mais incrível é que ninguém se espantava. Lá em baixo os carros nem paravam. A neve na varanda não se derretia, apesar do avanço do dia. Pensei que podia ser um milagre do Natal.

Sonhando, lembrei-me da minha infância e as primeiras imagens de campos nevados com pinheiros. Uma paisagem tão estranha para nós nordestinos, cujo primeiro sinal do Natal era o anúncio da chegada da chuva com a floração do mandacaru cantada pelo Rei do Baião. Mas out-doors mostravam renas voadoras puxando um trenó com um ancião vestido de vermelho e arminho e na cabeça uma touca com pompom. O velhinho bebia um líquido escuro no gargalo de uma garrafa. Na época, só se bebia na Bahia as cristalinas gasosas dos “irmãos Fratelli Vita” em copos, ao natural, pois poucas casas e bares possuíam as Frigidaires importadas.

Recordei o Natal de antigamente, que começava com a preparação do presépio, uma lapinha ou gruta formada pela folhagem de pitangueiras olorosas, com a manjedoura, a sagrada família, o boi, a vaca, o jumento e os reis magos. A paisagem de Belém era reproduzida com papel de embrulho amassado salpicado de casinhas e as crianças enchiam o presépio com bibelôs e caxixis. Não podia faltar um cometa flutuando sobre a manjedoura. Os Magnavita, descendentes da Calábria, faziam um grande presépio na sua casa na Lapa com cascatas, rodas d'água e até um trenzinho elétrico milenar.

Quando os comunistas, com suas artes do diabo, lançaram o Sputnik, meu pai, Thales de Azevedo, católico de boa cepa, escreveu neste jornal “Coloquemos o Sputnik no presépio” exaltando como uma conquista de toda a humanidade aquele complemento ao quarto dia da Criação. Jorge Amado enviou um cartão a meu pai louvando sua clarividência e coragem diante do maniqueísmo raivoso de então.

Comecei a divagar. Quem enterrou a bela tradição barroca do presépio não foram os comunistas ateus, foi a publicidade subliminar da Coca Cola, que só podia ser bebida estupidamente gelada, pois tinha cheiro e gosto do sabão líquido Aristolino. A Coca Cola foi, de mansinho, substituindo o presépio de Belém pelos pinheiros do Polo Norte gelado cobertos com neve de algodão ao som do *jingle bells*. Santa Cláus, vindo da Finlândia, se adentrava nas nossas casas mormacentas pela chaminé da lareira para compartilhar Coca Cola com os meninos bons.

Com essa lorota, despertei de meu sonho natalino e percebi que a nevasca vinha da imensa barriguda, ou sumatúma, do Campo Grande em direção ao apartamento de meu filho. O milagre de Natal não era a nevasca no verão, senão a mensagem que de uma minúscula semente que flutuava no ar pode nascer uma árvore gigantesca, como um baobá. Merry Christmas!

Publicado originalmente no jornal A Tarde, em 16/12/18

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n° 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.

